



# Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios

Stelamar Gonzatti Chaves

FERNANDES, D.G. 2002. *Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios*. Porto Alegre, Mediação.

Pesquisas e reflexões sobre educação em nosso país são freqüentes. Entretanto, ao tratar-se de Educação de Jovens e Adultos, constata-se a pouca produção existente sobre o tema.

Neste sentido, a investigação realizada pelo autor *Dorgival Gonçalves Fernandes* se caracteriza como uma contribuição importante sobre o tema Educação de Jovens e Adultos, visto que privilegia justamente um campo marginalizado da política educacional.

O autor é licenciado em Pedagogia e Mestre em Educação – Área de Educação de Jovens e Adultos – pela Universidade Federal da Paraíba. No período em que este livro foi escrito, o autor era doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos e professor e membro do Núcleo de Educação de Adultos e Oficinas Pedagógicas (NEAOP) da Universidade Federal de Campina Grande.

O trabalho de Fernandes está direcionado para a educação escolarizada de jovens e adultos. Parte do pressuposto que existe um enorme *déficit* de escolaridade nos setores populares, cuja causa tem origem em diversos fatores, os quais podem ocasionar o *fracasso escolar*.

Conforme o autor, o estudo busca lançar um olhar sobre questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos “a partir do sentir, conhecer e pensar daqueles que a praticam no dia-a-dia: os alfabetizandos jovens e adultos e as suas alfabetizadoras” (p. 5), problematizando as representações sociais formadas por esses sujeitos no seu próprio processo de alfabetização. Os objetivos do autor se configuram na tentativa de conhecer os pensamentos formados pelos alfabetizandos e alfabetizadoras sobre este processo para, a partir daí, entender de que forma se comportam diante dele.

Segundo o autor, Spink (1993) identifica duas vertentes nas quais o campo de estudo sobre representações sociais está assentado, são elas, o *processo* e o *produto*. Fernandes toma, aqui, a abordagem das representações sociais enquanto produto, ou seja, enquanto pensamento estabelecido, embora não despreze seus elementos constitutivos (o processo de elaboração das representações). Salienta que a “distinção entre processo e produto, no caso, serve apenas para a sistematização da pesquisa” (p. 23).

Fernandes justifica a escolha do estudo das representações sociais desses sujeitos como uma maneira possível para entender o tema, porque eles têm como “fundamento o conhecimento do senso comum, o conhecimento prático que [...] elaboram para denominar e dominar o meio em que vivem e os objetos que permeiam o seu cotidiano” (p. 6). Desta forma, o autor busca, a partir do entendimento do que significa a aquisição da leitura, escrita e aritmética para estes sujeitos, compreender o porque do fracasso escolar, o que, segundo ele, permeia fortemente o processo de Educação de Jovens e Adultos.

O autor trabalha com entrevistas, mais precisamente com a modalidade de entrevista semi-estruturada, por ser mais flexível e por permitir que o entrevistado “tenha voz”. No trabalho, foram realizadas um total de 30 entrevistas, das quais seis com alfabetizadoras e 24 com alfabetizandos. Estes números representam 100% do número de alfabetizadoras e 34% de alfabetizandos, estes últimos com idade variando entre 11 e 26 anos. O local onde a pesquisa desenvolveu-se foi a cidade de Cajazeiras, na Paraíba. Os alfabetizandos e alfabetizadoras de jovens e adultos participavam de uma classe de alfabetização noturna de escola vinculada à rede estadual de ensino.



Na introdução de seu trabalho, o autor escreve sobre três programas de alfabetização de jovens e adultos aos quais esteve vinculado no estado da Paraíba. Destaca que em todos houve problemas semelhantes, principalmente no que se refere à evasão escolar. As causas eram diversas, por horas extras que os educandos faziam em seus locais de trabalho, por demissões de seus empregos, por transferências, por falta de motivação, entre outras coisas. Ele define essa evasão como *formal* – referindo-se aos que não assistiam às aulas desde o primeiro dia – e *real* – lembrando os educandos que gradativamente desistiam de ir à aula. As aulas acabavam tendo em média 50% dos alunos que inicialmente haviam se matriculado.

Neste sentido, o autor procura apreender as representações sociais dos alfabetizados jovens e adultos e dos alfabetizadores “como um outro caminho, ou uma nova leitura, a psicossociológica, na qual se insere a teoria das representações sociais, para a compreensão do que até o momento tem sido identificado como fracasso na alfabetização de jovens e adultos” (p. 13), descobrindo percepções e perspectivas construídas por eles em relação ao processo de alfabetização e aos seus alfabetizados.

No primeiro momento, o autor situa teoricamente seu trabalho. Toma como ponto de partida, para conceituar as representações sociais, as elaborações teóricas de Serge Moscovici em sua tese de doutorado intitulada *La psychanalyse, son image et son public*. Conta ainda, entre outros, com teóricos como Denise Jodelet, Sheva M. Nóbrega, Mary Jane Spink e Celso Pereira de Sá. O autor entende que, partindo do conceito de representação social e dos processos que a produzem, é possível “chegar ao conhecimento das funções que essa imprime à produção do conhecimento dos indivíduos em sua vida coletiva cotidiana, informando e modelando seu comportamento” (p. 21). O autor utiliza-se das técnicas de análise de conteúdo desenvolvidas na vertente de Laurence Bardin para poder configurar a representação presente na fala dos sujeitos.

No capítulo seguinte, Fernandes trabalha com dois problemas referentes à alfabetização que são a “questão conceitual da alfabetização de adultos” e a questão do “fracasso escolar decorrente das dificuldades na operacionalização das ações alfabetizadoras de adultos” (p. 31).

Em relação ao conceito de alfabetização de jovens e adultos, o autor apresenta a posição teórica de alguns autores que lidam com o tema, tais como Paiva (1987), Ireland (1990), Garcia-Huidobro (1985) e Torres (1995), entre outros. E, apoiado em Lagoa (1990), o próprio autor refere que “tornar-se alfabetizado é tornar-se apto para se apoderar, através da leitura, da escrita e do cálculo, de um conjunto de informações sobre o mundo físico, social, político e econômico do qual se faz parte, facilitando as condições para interpretá-lo e agir sobre este mundo de forma independente, crítica e construtiva (p. 41).

No que se refere à questão do fracasso escolar, o autor destaca que, no Brasil, os estudos quase sempre estão direcionados ao fracasso escolar na Educação Infantil, e, devido à falta de estudos voltados para a Educação de Jovens e Adultos, ele toma como ponto de partida o saber produzido sobre fracasso escolar na Educação Infantil, procurando, desta forma, estabelecer um paralelo entre este conhecimento e o que foi produzido no campo da EJA. O autor refere a gravidade do problema do fracasso escolar e que, por este motivo, é imprescindível o conhecimento de suas causas para que possam ser encontradas possíveis soluções. Ele procura identificar onde reside a causa do fracasso, se é do *indivíduo*, de uma *classe social*, ou do *sistema sociopolítico-econômico e educacional*, trazendo contribuições de diversos autores para refletir sobre o tema.

Em outro capítulo, ainda, o autor aponta os elementos que demonstram que representações os alfabetizados e os alfabetizadoras têm elaborado acerca do processo por eles vivenciado, a importância e significado do aprender a ler escrever e contar, a percepção da condição de adulto alfabetizando e não alfabetizado, e a condição de alfabetizadora de adultos e as dificuldades e perspectivas que atravessam suas experiências. Segundo ele, o estudo se configura numa tentativa de “apreensão das percepções, expectativas e atribuições deferidas por alfabetizados e alfabetizadoras a respeito da escolarização” (p. 53), buscando, nas falas dos entrevistados, informações que evidenciam a presença destes elementos.

Finalizando o trabalho Fernandes, por entender que não se tratam de verdades únicas e absolutas, faz algumas considerações, ou o que ele chama de “algumas sínteses possíveis”, expondo alguns resultados aos quais pôde chegar a partir de sua investigação. Nesta parte do trabalho, o autor retoma o conceito de alfabetização e as representações sociais dos sujeitos da pesquisa e, a partir destas representações, faz algumas deduções em relação ao fracasso escolar presente no processo de alfabetização de adultos, procurando apontar onde habita este problema.

O livro resenhado constitui-se em uma leitura de fácil entendimento pela linguagem, clara e acessível. Constitui-se em leitura importante para todos os que se iniciam no campo da Educação de Jovens e Adultos, uma vez que lida com conceitos básicos deste campo.

Stelamar Gonzatti Chaves  
Graduada em História – Licenciatura  
Plena/UNISINOS.